

6. “Se melhorar pode”: o que eles dizem sobre aquilo que fazem

A definição dos critérios adotados pelos alunos para avaliar o que fazem, apresentada neste capítulo, se deu a partir das pistas por eles deixadas ao longo do caminho. Elas foram seguidas em cada depoimento, na identificação dos aspectos comuns encontrados nas diversas falas. Por esta razão, as mesmas não serão aqui apresentadas de acordo com os grupos aos quais pertencem seus respectivos autores, como no capítulo anterior, mas, antes, pelas aproximações estabelecidas entre as análises feitas por eles em seu conjunto.

A proposta de assistir e avaliar, em grupo, os vídeos produzidos por eles próprios e por alunos de outras escolas prontamente aceita por todos. Alguns deles nunca haviam participado de atividades desse tipo. Foi possível observar a seriedade com que assumiram a tarefa, destacando-se o fato de que mesmo quando analisavam as próprias produções suas críticas, ao contrário do esperado, também eram apresentadas. Ao comentar o rigor percebido por ele nas avaliações feitas pelo grupo, Fábio (13 anos) declarou: “*Nós somos muito rígidos!*”.

Ao relatar como se sentiram ao realizar a avaliação das produções os alunos disseram:

André, 11 anos: *Eu gostei. Eu percebi o conteúdo que aquelas crianças colocavam dentro daquele filme, aí foi muito legal.*

Janaina, 15 anos: *Ah sim, eu achei bom porque, tipo, eu me senti a jurada ali naquele momento. Foi legal também eu poder ver a opinião dos meus amigos, assim, sentar num grupo, assim, e conversar, até ouvir a opinião daquelas pessoas que não gostam de falar, também tiveram que dar opinião. Isso foi legal. Alguns filmes, assim, até o filme que as crianças fizeram, que deu pra ver que elas se esforçaram, alguns ficaram legais, outros não. Então foi interessante.*

Daniel, 15 anos: *Achei legal. Foi a primeira vez que eu sou juiz. E também, pode avaliar como, assim, sendo o diretor, a gente quer tudo perfeito. Aí é como se a gente fosse um juiz também, mostrando assim, ah, aquele ali não tá legal. Então tá, a gente mostra a nota, fala se o filme é legal, se recomenda pra alguém.*

6.1 Os ingredientes de um bom filme

Em relação aos filmes que costumavam assistir no cinema ou em casa, os alunos destacaram diversas características essenciais a um bom filme:

“Tem uns filmes que são bem legais, interessantes... Mas... acho que filme é igual livro, tem que ter um começo, um meio e um fim pra ele ser legal. E o filme que não tem, assim, meio que, sentido, fica assim estranho. Perde a vontade de ser visto.” (Luana, 14 anos)

Gustavo apontou outra característica que atribui a um bom filme, revelando também seu modo peculiar de assisti-lo:

“Eu acho que o filme é bom quando ele consegue passar a mensagem que tentam passar. Se eu vejo um filme que eu não entendi, eu, com certeza, vou assistir um filme até eu entender. Como por exemplo, teve um filme -“A sétima vítima”- que eu assisti e que eu não consegui entender o final, porque de repente, tinha que juntar sete crianças pra cortar o pescoço, pra reinar as trevas. Só que aí no final, apareceu tudo no escuro, na escuridão e aí foi que eu percebi “Ué, se apareceu a escuridão e as trevas é a escuridão, não acabou nada bem, as trevas dominaram o mundo”, aí eu consegui entender vendo o filme mais de três vezes! E só assistindo o final, porque o início eu já tinha entendido”.

Nas entrevistas, perguntei a eles que ingredientes um filme deveria ter para receber a nota dez. A resposta de Ana sintetiza as opiniões da maior parte dos entrevistados:

Ana, 13 anos: *Tem que ser filmado bem, tem que ser legal, tem que ter um assunto interessante e só.*

Para ela, um filme não é bom quando

“Enjoa, um filme que enjoa rápido. Tem filme que assim, no começo, você não entende nada, aí você fica intrigado. Aí, no começo não entende nada, no meio não entende nada e no final não entende nada. Só no final é que você entende alguma coisa... sem nexo! Então, aí eu acho que, assim, precisa ter um começo meio intrigante pra você saber o quê que vai acontecer no final”.

Os alunos destacaram, ainda, vários aspectos por eles considerados necessários para se produzir um bom vídeo, entre eles: *“criatividade”*; *“assunto interessante”*; *“força de vontade”*; *“organização total”*; *“talento”*; *“ter efeitos especiais”*; *“inteligência, atenção e muito esforço”*; *“dedicação”*, *“atuar bem”*; *“ter atores bonitos”*; *“ser bem feito”*; *“ter boas falas”*, *“ser bem filmado”*, *“ter bom enquadramento”*.

Por outro lado, para esses alunos, um vídeo era considerando ruim quando: *“é sem graça”*; *“não tem nada pra falar”*, *“não tem ação e alegria”*, *“não tem criatividade”*, *“tem racismo ou sacanagem”*, *“fala besteira”*, *tem vários defeitos (balançar a câmera, gravar sem áudio etc)”*; *“é muito lento”*. Além disso, *“os atores,*

o jeito deles falarem e os cenários” também foram mencionados como fatores que podem prejudicar a qualidade de uma produção.

6.2

Os filmes produzidos e a relação com a escola e a família

De acordo com os relatos, observou-se que os filmes produzidos pelos alunos, de um modo geral, circulavam pouco pela escola e em casa.

Ao perguntar se as pessoas da família já haviam assistido a algum vídeo feito pelo aluno, somente em três casos a resposta foi afirmativa, conforme os destaques a seguir:

Simone: (...) *E da oficina multimídia, sua mãe já viu alguma coisa que você fez aqui?*

Gustavo, 15anos: *Já, já, porque eu sempre gravo no CD e levo pra casa aí mostro pra ela.*

Simone: *E o que ela fala?*

Gustavo: *Ah, ela gosta. Porque eu tenho um amigo que ele é, ele na verdade, ele é o marido da amiga da minha mãe, e ele trabalha, ele faz aqueles comerciais de TV de supermercado, e ele me levou lá no estúdio dele pra ver se eu fico mais esperto sobre esse assunto.*

Simone: *Ah... e aí ele viu o que você fez também?*

Gustavo: *É ele viu, eu levei meu CD e ele viu, ele gostou. Pra um garoto de 15 anos está bom, não é? comecei agora!*

Fábio, 13 anos: *Toda segunda-feira, eu assisto uma palestra com... um amigo da minha mãe, que dá palestras pra adolescentes. Então, toda segunda-feira eu escuto, aí euestou lá assistindo essa palestra. Teve um dia que ele falou assim, perguntou qual era a minha idade, aí eu falei que eu tinha 12 anos - agora eu já tenho 13 -, eu falei que tinha 12 anos, e perguntou tudo o que eu fazia aí eu falei. E tinha gente lá de 13, de 14, 17 anos e ele falou assim “Vocês estão vendo, ele tem 12, já sabe mexer em câmera, já sabe mexer em computador e faz muitas coisas e vocês que têm 17, 14, que são mais velhos do que ele nunca experimentaram nada disso!” Aí, assim, eu me senti muito...bem.*

Simone: *E na sua casa, assim, alguém já assistiu o que você já fez aqui? O que eles falaram?*

Fábio: *Eles falaram assim: “Pô esse teu filho já sabe fazer isso! Ah, não acredito não.” Aí quando eles viram, eles ficaram impressionados.*

Simone: *Aí eles falam que não foi você que fez aquilo. E aí você vai lá e explica e aí eles acreditam?*

Fábio: *Aí minha mãe também fala aí eles têm um pouco mais de... confiança.*

Alguns alunos comentaram que suas mães eram muito ocupadas e não tinham tempo para assistir aos filmes, outros relataram que, apesar de não terem assistido aos filmes produzidos na escola, alguns familiares sabiam da existência da oficina e incentivam sua participação, como nos casos a seguir:

Simone: *E na sua casa, as pessoas sabem que você faz parte dessa oficina e está aprendendo a fazer vídeos?*

Alyne, 12 anos: *Sabem.*

Simone: *E o que elas acham disso?*

Alyne: *Ah... bem, o meu tio acha uma maravilha, já que ele mexe mais ou menos com essas coisas, ele acha uma maravilha, pra mim poder ajudar ele, meu primo...*

Simone: *E eles já viram, assistiram a alguma coisa aqui da oficina? Você já teve a oportunidade de mostrar alguma coisa pra eles?*

Alyne: *Não.*

Simone: *Agora... vocês, então, conversam sobre isso, você conta pra eles, eles perguntam... Eles perguntam o que você faz aqui, o que você aprende...?*

Alyne: *De vez em quando, eu mesmo vou lá neles e falo.*

Natália, 10 anos: *A minha mãe ela...está trabalhando, mas ela está ajudando a fazer essas coisas.*

Simone: *Entendi. E a sua mãe te ajuda como, o que ela faz que...?*

Natália: *Assim, ela bota um filme. É assim, qualquer filme, sem terror, filme de desenho. A gente vê. Aí depois a gente escreve do jeito que a gente quer o filme, de como se a gente gostou, se a gente não gostou, como você faz. Aí, depois aí ela fala “Você quer fazer isso, tem certeza?” e eu falo “Tenho.” Aí quando eu faço, aí ela fala “Não, está bom, está legal”. Aí ela agora vai comprar a filmadora e a câmera digital pra poder ficar filmando, tirando foto da gente falando.*

A maioria concordou que seria bom que a família assistisse aos filmes. Segundo André, 11 anos, *“Porque eles podiam dar mais valor, também podia fazer uma faculdade, podia me dar mais valor pra essa oficina.* No entanto, em alguns casos, os relatos revelaram certa dúvida em relação a essa possibilidade, talvez por receio da reação das pessoas diante do vídeo apresentado, como no depoimento de Joana (14 anos):

Simone: *E na sua casa as pessoas sabem que você participa da oficina?*

Joana: *Sabem. Nossa, a minha mãe é a principal pessoa que me apóia. Assim, às vezes, quando eu brigo com ela, ela fala que vai me tirar da multimídia, (riso) aí eu já fico quietinha, não é? Não, mas minha mãe me dá o maior apoio. Ela acha bem legal eu estar fazendo esse negócio no colégio, melhor do que ficar fazendo besteira pela rua.*

Simone: *Na sua casa, as pessoas, sua mãe e as outras pessoas, já assistiram a algum filme que você fez aqui?*

Joana: *Não, ninguém, ainda, ninguém.*

Simone: *Você acha que seria legal se eles assistissem?*

Joana: *É, acho que sim. Primeiro eu chegaria e falava assim “Mãe, olha o filme que fizeram na multimídia”. Aí, dependendo da opinião dela, eu ia falar que era eu, se não... (risos).*

Com relação à sala de aula o quadro acima descrito foi o mesmo. Tanto os colegas como os professores não conheciam as produções dos alunos, na maior parte dos casos. Dentre os que sabiam da oficina ou já haviam assistido a algum filme, as situações relatadas eram diversas. No caso dos colegas da sala de aula, alguns alunos destacaram

que, em sua opinião, as meninas são mais curiosas a respeito do que eles fazem na oficina

Ao comentar se consideravam importante que os colegas vissem os filmes ou soubessem mais sobre o que fazem na oficina, a maior parte concordou que isto seria interessante. No entanto, Joana (14 anos) destacou que, na verdade, “*alguns só querem saber para matar aula ou coisa assim...*” e Mathias (10 anos) revelou, durante a conversa, uma preocupação pragmática com a participação dos colegas da turma:

Simone: *Na sua turma os outros colegas que não fazem a oficina já assistiram a algum filme feito por você?*

Mathias: *Não.*

Simone: *Você acha que eles deveriam ver?*

Mathias: *Se eu acho que eles deveriam ver... Deveriam.*

Simone: *Você acha que isso é importante?*

Mathias: *Não muito.*

Simone: *Não muito! Por quê?*

Mathias: *Porque eles vão ver o filme, mas se eles já estão saindo da escola, aí eles não vão poder ter mais idéias pra fazer novos filmes.*

Simone: *Ué, mas eles não podem fazer na outra escola para onde forem?*

Mathias: *Pode.*

Simone: *Então? Será que não é tão importante assim?*

Mathias: *Então... então eu acho importante.*

A participação dos professores era percebida pelos alunos de modo diferenciado, variando desde aqueles que assistiram aos filmes ou incentivavam a participação do aluno na atividade até aqueles que não comentavam ou ignoravam o assunto, de acordo com os relatos a seguir:

Simone: *E a sua professora na turma, já assistiu a algum filme feito por você?*

André, 11 anos: *Já.*

Simone: *Aqui na escola mesmo?*

André: *Não. Foi acho que foi no cinema, eu acho.*

Simone: *Quando foi a Mostra Geração, não é? A professora foi junto com vocês?*

André: *É. Mas nesse dia eu não fui, mas ela foi com outros alunos.*

Simone: *E os professores, eles comentam alguma coisa com você?*

Luana 14 anos: *Não são todos os professores. Tem os professores que são mais abertos com os alunos, outros são mais reservados. Alguns professores dão uma brecha nesse assunto, mas não são todos.*

Simone: *E esses que dão brecha, eles falam o quê, por exemplo?*

Luana: *Eles falam assim “Ah, o pessoal da multimídia...” tipo toda vez que tem um trabalho assim da multimídia ele sempre... tem professor que vale como ponto, na sala de aula, tem os professores que levam por nota, vale nota, eles dão ponto pra gente. Então, é bom aqui, que a gente tá fazendo por prazer e ainda é bom na sala de aula, é bom.*

Simone: *E os professores? Algum professor comenta ou fala alguma coisa?*

Gustavo, 15 anos: *Pra falar a verdade, não. Eles nem sabem, alguns nem sabem que existem esses cursos aqui na escola. São bem por fora*

Os alunos consideraram importante que os professores soubessem mais sobre o trabalho realizado na oficina ou que conhecessem os vídeos feitos por eles. Para muitos dos entrevistados, isso representaria, entre outros aspectos, o reconhecimento e a valorização do trabalho do próprio aluno, conforme disse Joana (14 anos):

Simone: *E os professores, eles comentam alguma coisa...?*

Joana, 14 anos: *E eles comentam, elogiam, vê como é que... Quando vai gravar, quando vai ter alguma gravação. Uma gravação que a gente fez, foi no desfile do Corações Unidos do CIEP, que a gente foi lá no carnaval gravar (na Sapucaí). Quando eu fui, pôxa, eu falei assim “Ó, professor, eu vou em tal dia, em tal lugar.”, aí ele, “nossa! Me fala aonde é que eu também quero ir, pra ver como é que é.”. Nossa, é muito legal esse reconhecimento!*

Simone: *Resumindo, o que não pode faltar pra um filme ficar legal?*

Gustavo, 15anos: *Acho que, principalmente, a criatividade e tem que ter o apoio do professor. Não só do professor da oficina, mas de todos os professores.*

6.3

Critérios adotados nas análises dos filmes: algumas pistas

A proposta de realizar a visualização e a análise dos filmes com os alunos propiciou o acesso a diversas informações sobre o que pensavam a respeito do que assistiam. Mas, ao trocarem opiniões com os colegas, eles revelaram principalmente, os valores e os conhecimentos que mobilizavam para eleger suas preferências.

Foi possível identificar, por exemplo, que, apesar de demonstrarem, entre outros aspectos, diferentes níveis de apropriação dos conhecimentos técnicos específicos de uma produção audiovisual, as análises feitas nos dois grupos estudados, apresentaram coincidências entre os critérios priorizados em cada caso.

Ao comentar um dos filmes exibidos, Joana, 14 anos, expressou o que, em sua opinião, deveria ser considerado como mais importante nas análises dos filmes. Tal opinião foi ratificada na avaliação feita pela maior parte dos alunos durante as discussões:

Joana: *eu acho que tem o negócio de ser superior, na minha opinião, também tem que ter um pouco disso, mas sei lá, eu acho a idéia do filme, a gente não tem que ver só pela parte se está bem filmado, se está bem desenhado, se a pessoa desenha bem ou se a pessoa desenha mal. Acho que tem que ver mais pela idéia, se a idéia foi interessante, se concluiu, se tem começo, meio e fim.* [sobre o filme “A conquista do dia pelo sol”]

Ao longo da exibição dos 24 vídeos selecionados, os preferidos foram apontados, segundo as justificativas dos alunos, entre os que “falavam de coisas importantes”, “mostravam a realidade”, “tinham mais humor e criatividade” e “foram bem feitos”.

No caso dos filmes considerados piores, houve divergências na indicação dos títulos, porém as justificativas, mais uma vez tratavam dos mesmos critérios, priorizando, na maior parte das avaliações, a questão do conteúdo abordado.

Nas entrevistas individuais, foi solicitado aos alunos que apontassem, entre os vídeos exibidos, os filmes de que mais gostaram ou menos gostaram e por quê. A síntese dos dados obtidos nas respostas foi organizada de acordo com os quadros a seguir:

Tabela 4: Filmes em destaque na preferência dos alunos no Grupo A¹⁵

GRUPO A		
	Filmes / principais justificativas	
Mais gostaram	Gravidez, não obrigada	<i>“relata um problema que acontece muito”</i>
	A verdade derradeira	<i>“fala de uma coisa séria”</i>
	Loucos para beijar	<i>“engraçado”; “fala de um ajudar o outro”</i>
	Um ET muito louco nas Américas	<i>“muito engraçado”, “acontece na escola”</i>
	Monstros caseiros	<i>“muito engraçado”</i>
	Novela Mexicana	<i>“fala de uma coisa séria, mas é engraçado”</i>
	Manias	<i>“mostra as manias das pessoas”</i>
Menos gostaram	Pai Santana, eternamente	<i>“fala do Vasco”, “Ele fez macumba”</i>
	Os dois lados da moeda	<i>“tem muito preconceito”; “racismo”</i>
	Ora, bolas!	<i>“chato”, “não falou de nada”</i>
	Manias	<i>“sem graça”</i>
	Construções de sons e imagens	<i>“não diz nada”; “não entendi nada”</i>

¹⁵ A relação completa dos filmes exibidos, com um pequeno resumo sobre eles pode ser encontrada nos anexos.

Tabela 5: Filmes em destaque na preferência dos alunos no Grupo B

GRUPO B		
	Filmes/ principais justificativas	
Mais gostaram	Novela Mexicana	<i>“fala de um assunto sério com humor”</i>
	Um ET muito louco nas Américas	<i>“muito engraçado”, “criativo”</i>
	Loucos para beijar	<i>“engraçado”, “acontece mesmo”</i>
	Os dois lados da moeda	<i>“fala de preconceito com humor”</i>
	Preconceito	<i>“o assunto é importante”</i>
	A verdade derradeira	<i>“gostei do modo como fizeram o filme”</i>
	Descontrole remoto	<i>“tem efeitos especiais”</i>
	Rio de Janeiro na época da Av. Central	<i>“mostrava a época de hoje em dia comparando com antigamente”</i>
Menos gostaram	Ora bolas!	<i>“chato”, “longo”, “não disse nada”</i>
	Entre na moda, desfile só pela passarela	<i>“não teve sentido”, “não ficou bem gravado”</i>
	Novela mexicana	<i>“foi bem feito, mas não disse tudo o que tinha que dizer”</i>

Na discussão sobre cada filme os alunos abordaram diversos aspectos sobre a produção em foco, de acordo com suas percepções. Assim, um único filme poderia apresentar características relativas a vários critérios ao mesmo tempo. Deste modo, os exemplos extraídos dos debates, a serem apresentados a seguir, foram relacionados aos critérios de análise estabelecidos, em função da ênfase dada pelos alunos às características consideradas em cada caso.

6.3.1

Verossimilhança

“Não adianta você fazer o filme e o público não entender nada” (Gustavo, 15 anos)

Este critério envolveu os aspectos relativos ao conteúdo abordado nos filmes. Fazer sentido para eles, abordar temas ligados ao cotidiano e de seu interesse e parecer real e convincente, foram os principais parâmetros adotados pelos alunos para uma avaliação positiva dos vídeos exibidos, conforme os exemplos a seguir:

Marcos, 11 anos: *Sabe porque eu botei essa nota nove? Por causa que é muita mentira ali. Eu não gosto de mentira. [referindo-se ao filme “A verdade derradeira”]*

Tatiana, 11 anos: *Eu achei importante o amor que ele tem pelo time dele mas eu sou flamenguista de coração e eu dei 0. [sobre o filme “Pai Santana, eternamente”]*

* A respeito do filme “A Novela Mexicana”:

Mathias, 10 anos: *“Novela Mexicana” eu dei 10 porque é um filme que me fez rir muito engraçado. Por isso a minha nota foi 10. Então, estão de parabéns quem fez esse filme. É um filme que vale a pena ver de novo porque foi muito bem trabalhado e eu gostei. Estão de parabéns!*

André, 11 anos: *Eu gostei do filme porque falou sobre a violência, mas de um jeito engraçado. Eu botei 10, eu gostei muito.*

Laura, 11 anos: *Eu botei 7, porque não se brinca com essas coisas.*

* Sobre os filmes “Construções de sons e imagens” e “Preconceito”:

Mathias, 10 anos: *É “Construções de sons e imagens” minha nota foi 0,6 porque o filme é muito simples, não deu pra entender nada, mas teve um pouco de criatividade. E “Preconceito” eu dei 10 porque o filme ficou legal e ensina a gente o preconceito e saber que isso não vai levar a nada e que o preconceito é uma coisa muito feia. E a pessoa deixando o preconceito vai saber que ela... que são pequenas diferenças que as pessoas têm. Por isso minha nota foi 10. Eu gostei do filme.*

Na discussão sobre o filme “Lendas” houve a mesma polêmica nos dois grupos, conforme os seguintes fragmentos:

Simone: *O Carlos estava falando que ia dar uma nota baixa porque o filme não falou de nada. Vocês concordam com ele?*

Maurício, 11 anos: *Eu concordo.*

Carlos, 11 anos: *Eu dei 0,3.*

Mathias, 10 anos: *Eu não concordo não!*

Simone: *Por que?*

Mathias: *Porque foi um filme muito criativo e se o nome do filme era lendas, falava sobre lendas, então está certo. Não acho nada de errado.*

Joana, 14 anos: *Eu não gostei do primeiro (Lendas).*

Janaína, 15 anos: *Se eu não soubesse a lenda do lobisomem eu ia ver o filme e não ia entender nada, não estava explicando, não fazia sentido.*

Ana: *Eu não gostei*

Gustavo, 15 anos: *Eu não (concordo). Dava pra identificar o boneco.*

Janaína: *Gustavo, eu disse assim, a gente conhece aquelas lendas que passaram ali. Imagine se nós não conhecêssemos a lenda e a gente visse o filme.*

Gustavo: *Mas por isso mesmo. Eles fizeram com a lenda conhecida pra gente realmente entender.*

Ana: Não. E se fosse gente pequenininha, que não soubessem as lendas ainda, aí pegasse pra ver o filme?

Janaína: Mas eu estou falando que não deu sentido, teve nada a ver!

Gustavo: Mas está mostrando pra gente e não pra criança pequenininha.

Joana: Não, Guilherme, não é isso!

Ana: Mas na Mostra Geração são todas as idades!

Janaína: Eles fizeram com a intenção de mostrar o filme pra gente como é contado, mas sendo que eles não mostraram, ficou totalmente diferente, não teve sentido, na minha visão.

6.3.2 Criatividade

“Minha nota foi 3 porque o desenho foi feio mas bonita foi a criatividade.” (Mathias, 10 anos)

De acordo com a opinião dos alunos, o critério da criatividade nas produções estava relacionado, invariavelmente, à forma como os autores contavam suas histórias, à originalidade da narrativa, surpreendendo de algum modo os espectadores.

Os exemplos a seguir demonstram como a questão da criatividade foi considerada na maior parte das avaliações:

Joana, 14 anos: “Os amigos” eu gostei porque eu achei bastante criativo. Eu dei 8 só pela criatividade deles.

Mathias, 10 anos: Minha nota foi 1 porque eu não gostei de quase nada. Mas 1 porque...um por cento de criatividade. (sobre o filme “Se a criança governasse o mundo”)

* Sobre o filme “O pequeno cordel do sapato voador”:

Maurício, 11 anos: Foi uma garotinha que fez não foi?

André, 11 anos: Eu gostei mais da poesia.

Carlos, 11 anos: Minha nota foi 10 porque teve rimas e foi muito engraçado.

Cláudio, 11 anos: Eu dei 10, falava de poesia.

Sara, 11 anos: Eu dei 10. Eles estão de parabéns no que fizeram pra mostrar pras outras pessoas.

Maurício: Eu dei 10 porque eu gostei da criatividade da menina e as falas pareciam poesias.

Cláudio: Pareciam não, eram.

* A respeito do filme “Monstros caseiros”:

Mathias, 10 anos: Professora, eu gostei desse filme. Ele é um filme muito criativo. Foi um filme muito legal, me fez rir, também. Gostei do filme. Então quem fez tá de parabéns.

Simone: O que vocês mais gostaram no filme? Acho que a maioria gostou.

André, 11 anos: Das risadas.

Carlos, 11 anos: Das risadas dos monstros

Mathias: Das risadas e do que eles aprontavam, botaram o ovo pra queimar, sumia com os brinquedos...

Carlos: *Minha nota foi 10, o filme foi muito criativo. Foi muito legal*

André: *Eu gostei do filme pela criatividade e também pela, pelo... pela voz.*

Cláudio, 11 anos: *Eu achei bom porque as crianças foram muito criativas e teve mente pra pensar tudo aquilo ali sozinho.*

Maurício, 11 anos: *Eu gostei. Minha nota 10 porque foi feito com muita criatividade, inclusive a voz dos monstros, muito engraçados.*

6.3.3

Recursos utilizados

“Eu achei muito interessante as artes deles”. (Marcos, 11 anos)

Na avaliação de diversos filmes os alunos mencionavam com frequência aspectos relativos aos recursos empregados pelos autores na elaboração dos mesmos. A combinação de técnicas, os emprego de efeitos especiais, os erros de gravação e de continuidade foram apontados, como nos destaques abaixo:

Gustavo, 15 anos: *Esse filme “Um lugar chamado Quitungo”, eu até no início eu estava começando a gostar por causa da animação, mas a história do filme foi um pouco mal contada porque não é porque eles estão jogando futebol e aí vai jogar a bola no senhor que eles estão desvalorizando a rua. Essa história que eu achei estranha, mas a animação eu gostei, gostei da mistura do desenho com a massinha, com as fotos. Disso eu gostei só da história que eu não gostei.*

*Sobre o filme “Um ET muito louco nas Américas”:

Mathias, 10 anos: *Minha nota foi 9,5, porque eu gostei do filme. Mas aquele negócio que ele tava em cima da árvore, não tava muito bem não. Não estava muito bem trabalhado. Foi um filme mais ou menos, não foi totalmente bom não.*

Simone: *Como você acha que eles fizeram para parecer que o menino estava voando?*

Mathias: *Não pareceu não.*

Tatiana, 11 anos: *Amarrou ele na árvore.*

Mathias: *Ele tava pendurado na árvore ou, então, que ele tava em cima da árvore, aí pegaram a câmera, deitaram e filmaram assim (mostra a posição com o corpo) parecia que ele tava voando.*

Simone: *Agora, como é que você acha que podia fazer pra ficar melhor? Tem alguma idéia, alguém tem alguma idéia?*

Laura, 11 anos: *Não, na hora que ele pulou, tia, aí tiraram uma foto, aí depois ele foi parar lá em cima. Essa hora da foto eu acho que ele subiu em cima da árvore.*

Marcos, 11 anos: *Mas quando ele foi fazendo assim eu sei como é que foi (refere-se às transformações do personagem). Ele botou uma coisa na cabeça, depois tiraram foto, botou outra e tiraram foto.*

Mathias: *Mas, ô Marcos, é montagem aquilo.*

Simone: *Mas você tem alguma idéia então, Mathias, como você faria melhor aquilo?*

Marcos: *Eu? Eu nem sei como é que ele fez aquilo!*

Mathias: *Aquela parte de voar, muito melhor. Podia mostrar ele escalando. Escalando num cenário.*

6.3.4

Estética

“Pelo título esperava coisa melhor” (Janaína, 15 anos)

Este critério foi definido a partir das referências feitas pelos alunos ao acabamento das produções e ao que lhes parecia esteticamente feio ou bonito no conjunto da obra. Em geral foram apontados aspectos relacionados aos cenários, figurinos, uso da linguagem, o formato, entre outros, conforme os exemplos a seguir:

**Sobre o filme “Ora, Bolas!”:*

Janaína, 15 anos: *O que eu não gostei foi do último.*

Gustavo, 15 anos: *Ninguém gostou do último!*

Janaína: *Eu botei assim, eu não gostei porque onde é que já se viu uma bola que anda de moto mas não fala? Foi uma coisa assim em silêncio... e não teve graça.*

Gustavo: *Pelo menos ela é sincera!*

Janaína: *A bola não entra em ação, só anda de moto... é sem sentido, é brega!*

** Conversa sobre o filme “Gravidez, não, obrigado!”:*

Simone: *Então Carlos, você estava falando o quê mesmo do filme? Que você achou que a roupa tinha que ser diferente, como é que era isso?*

Carlos, 11 anos: *Não, a roupa tinha que ser diferente, tia, eles estavam com a roupa da escola. Por isso que eu gostei mais ou menos.*

Simone: *Entendi. E você Maurício?*

Maurício, 11 anos: *Também, professora, porque toda hora eles ficavam de camisa da escola. Aí eles podiam tirar a camisa da escola e botar uma roupa de casa e quando eles fossem pra escola eles botassem a roupa de escola.*

André, 11 anos: *Eu achei que tinha que ter mais riqueza em figurino, lugares e um bom diálogo, né. Por causa que as pessoas acordavam com roupa de escola, o lugar era sempre o mesmo... Então, só isso.*

**Sobre os filmes “Memórias de um passado recente (documentário) e “Baletéia, a boneca misteriosa” (animação com desenhos):*

Simone: *Qual a diferença que vocês vêem desse tipo de filme pros outros que vocês já assistiram? Eles disseram no início que era um filme de que tipo?*

Joana, 14 anos: *Era um documentário sobre a ditadura militar.*

Simone: *Então se é um documentário ele pode ter a mesma característica do da Baletéia, por exemplo?*

Todos- *Não!*

Simone: *Por que?*

Joana: *Por que aquele era um desenho e também feito por criança.*

Ana, 13 anos: *E também era imaginação.*

Joana: *Isso aí é um documentário e já é uma coisa assim mais aprofundada. Procura mostrar as coisas, pra alunos, adolescentes... a História e tal...*

Daniel, 15 anos: *Aquele era legal e esse aí foi chato.*

Ana: *É uma realidade.*

Joana: *O Baletéia foi melhor do que esse.*

Em alguns casos a estética de uma determinada narrativa percebida pelos alunos os remetia a outras produções, como demonstrou Ana:

Ana, 13 anos: *O do “Descontrole” pareceu anime, né, naquela parte?*

Janaína, 15 anos: *Então, eu gostei também. Eu dei nove.*

Joana, 14 anos: *Pareceu o quê?*

Ana: *Anime.*

Janaína: *Anime? Que é isso Anime?*

Ana: *É os desenhos da Fox Kids, desenho japonês.*

6.3.5

Endereçamento

“Você tem que fazer o filme pensando no público.” (Gustavo, 15 anos)

O endereçamento foi identificado na avaliação dos alunos como um critério relativo ao público destinatário das produções ou para o qual os filmes assistidos deveriam ser recomendados. Assim, segundo alguns depoimentos, os filmes também se diferenciavam pelo fato de se destinarem principalmente às crianças menores ou aos alunos mais velhos, conforme o caso. Houve ainda os filmes que, na opinião deles, deveriam ser vistos por todas as pessoas e os que não recomendariam a ninguém, de acordo com a própria aceitação que tiveram dos mesmos.

Em relação às pessoas a quem recomendariam os vídeos exibidos, os alunos apontaram de um modo geral, os próprios colegas da escola, aos outros amigos e familiares, de acordo com a relação direta estabelecida entre os diferentes públicos e a temática em foco nos filmes, conforme os seguintes exemplos:

* Filme Loucos para beijar”

Gustavo, 15 anos: *“para minhas primas Natália e Cíntia, pois elas não sabem beijar”*

*Filme “Entre na moda, desfile só pela passarela”:

Fábio, 13 anos: *“Recomendo para todas as idades, que não vão pela passarela.”*

*Filme “A conquista do dia pelo sol”

Norma, 15 anos: *“Não, porque nem entendi o filme. Ninguém iria entender”*

*Filme “Ora Bolas!”:

Ana, 13 anos: *Não recomendo para nenhuma idade, porque é muito chato!*

A respeito dos filmes por eles indicados para crianças, uma discussão sobre os filmes de animação com massinha, que ocorreu em dois momentos, mereceu destaque:

**Conversa sobre o filme “Se as crianças governassem o mundo:*

Tatiana, 11 anos: *Minha nota foi 1,0 porque coisa de bebê, eles já estão na 4ª série! Também podiam usar mais criatividade.*

Simone: *No que, por exemplo?*

Tatiana: *Ah, fazer um filme melhor entre eles mesmos, sendo o ator. Fazer de massinha? Já passaram dessa fase já.*

Mathias, 10 anos: *De massinha o quê? De papel, muito pior. Minha nota foi 3, porque eu não gostei do filme, podia ter mais criatividade. Eles não pensam direito, podiam usar mais a mente deles. Porque esse filme se eles tivessem mais um pouco mais de criatividade, eles poderiam valorizar muito mais esse filme, por isso minha nota foi 3.*

Simone: *Agora, filme de massinha só serve pra criança ver? Não existe filme de massinha pra adulto ver?*

Marcos, 11 anos: *Não.*

Mathias: *Existe.*

Simone: *Filme de massinha é sempre pra criança?*

Mathias: *Não.*

Tatiana: *Mas, de preferência pra criança.*

Marcos: *Também tem ator adulto que faz filme de massinha, e tipo faz um filme assim sem ser de massinha e todo mundo gosta, aí pensa que é de bebê.*

** Momentos depois, sobre o filme “Um lugar chamado Quitungo”:*

Tatiana: *Gostei muito, por causa que falou que ele aprendeu a história e também por causa da capoeira que eu pratico. E também gostei do filme dei nota 10, 10, 10, 10!*

Simone: *Esse filme você acha que é melhor assim pra criança, pra adulto, pra qualquer idade?*

Tatiana: *Pra qualquer idade.*

Simone: *E ele tem massinha, não é?*

Tatiana: *É. (riso)*

Simone: *Ah, te peguei!*

Laura, 11 anos: *Você pegou ela, Tia!*

Simone: *Você falou que filme de massinha era só pra criancinha, e agora?*

Tatiana: *Agora eu acho que é pra toda idade.*

Embora não fosse o caso dos vídeos exibidos, durante as discussões alguns alunos abordaram ainda a questão dos filmes que em sua opinião eram “de adulto” e os filmes próprios para crianças, conforme a conversa com Laura (11 anos) e Mathias (10 anos):

Simone: *Me mostra, Laura, é esse que está no livro (livro da Hello Kitty, do acervo da escola que está sobre a mesa). Qual é o DVD dele?*

Laura: *O DVD é da Hello Kitty.*

Simone: *Ah, tá. Mas você viu e não gostou?*

Laura: *É muito chato.*

Simone: *Você falou que é de criança?*

Laura: *Isso. Mas o livro é legal.*

Simone: *É e a gente estava falando que tem filme que é de criança e filme que é pra adulto, você lembra?*

Mathias: *Hum hum.*

Laura: *Eu sei o que é um filme de adulto, mas isso eu não...*

Simone: *E o que é um filme de adulto pra você? Por que é diferente um filme de adulto pra filme pra criança?*

Laura: *De um filme de adulto pra um de criança? (fala com vergonha) É... aquele que só tem coisas que as crianças não pode ver.*

Simone: *Como assim?*

Laura: *(riso) Eu não posso contar não, isso é muito feio!(riso) de gente grande e as crianças não pode ver, que também tem na TV a cabo. Outro dia meu pai botou, sem querer eu vi uma parte.*

Simone: *E o que tinha na parte?*

Laura: *(risos)*

Simone: *E filme de criança?*

Laura: *Filme de criança, eu gosto de Tom e Jerry, é... o que eu falo! Pica-Pau...*

Mathias: *É filme.*

Laura: *Mas eu tô falando filme de criança. Eu tô falando de desenho, né tia.*

Simone: *Então filme de criança é desenho?*

Laura: *Pra mim é.*

Mathias: *Claro! A Bela e a Fera não é filme não?*

Laura: *Pra mim é desenho, eu adoro desenho.*

Simone: *Mas não tem filme pra criança?*

Laura: *Tem. Peter Pan, que eu vi essa semana, de noite.*

Simone: *Todos os filmes são de criança?*

Laura: *Todos não. Menos aqueles que eu falei pra você...*

Mathias: *De pornografia.*

A classificação indicativa também foi abordada em outros momentos. O trecho a seguir, exemplifica a opinião de vários alunos entrevistados:

Mathias, 10 anos: *Minha mãe fala – eu tava vendo a novela de noite- aí minha mãe tava vendo, né. Aí, começou a novela e apareceu aquela classificação por idade aí apareceu 12 anos, aí ela, minha mãe: “Mathias, qual é a faixa, qual é a classificação de idade?” Aí eu “Doze.” Aí ela “E você tem quantos anos?” Eu, “Dez.”. “Então, sai daqui!”*

Simone: *Ah, ela manda você sair, né?*

Carlos, 11 anos: *Eu não, eu fico assistindo na outra televisão.*

Simone: *Então, aí eu perguntei e vocês falaram que tinha a faixa etária.*

André, 11 anos: *Você falou se o “Tropa de Elite” tem uma faixa determinada?*

Simone: *Isso, e aí?*

Carlos: *Não tem.*

André: *Tem.*

Mathias: *Tem.*

Simone: *Ah, bom!*

André: *Tem, a partir de dezoito anos.*

Simone: *Pois é. Aí eu perguntei por que vocês assistiram se a faixa etária é pra adultos? E vocês falaram o quê?*

Mathias: *Assisto.*

André: *Nós assistimos.*

Mathias: *Eu assisto qualquer filme.*

André: *É mesmo.*

Simone: *Vocês falaram que não se ligam na faixa etária.*

André: *Isso não vai afligir nada na minha vida, que eu saiba não vai afligir nada na minha vida, que eu saiba.*

Admitir que também gostavam de alguns classificados por eles próprios como “filmes para crianças”, não foi fácil para muitos alunos. Em geral, eles demonstravam vergonha ou tentavam se justificar de algum modo, como nos trechos abaixo:

Simone: *Mathias, não precisa contar tudo de novo, mas assim, só repete pra mim aquela história do filme da Branca de Neve que você gostou.*

Mathias, 10 anos: *Como assim?*

Simone: *Por que você se lembrou desse filme? Foi porque você gostou dele, né?*

Mathias: *Porque era um filme de criança, aí, às vezes, eu pego também pra ver também.*

Simone: *Mas você falou que era um filme de desenho que você tinha assistido e gostou.*

Mathias: *(Com enfado) Um filme dela (aponta pra irmã menor que está na sala).*

Simone: *Você pegou na locadora pra ela, mas aí você assistiu e gostou?*

Mathias: *Não, era dela. Ela ganhou e tem lá em casa. (demonstrando incômodo)*

Gustavo, 15 anos: *Eu já vi vários filmes do Harry Potter, já vi “Homem Aranha 1, 2 e 3”, Shreck, esses filmes assim mais pra criança eu também acho interessante, que é animação, né. Shrek é animação e um dia queria aprender, eu quero aprender como se faz essa animação. (...) É Shrek.... Não tem nada a ver, né? Mas é porque eu sou meio misturado, eu gosto da animação porque eu gosto de trabalhar com animação.*

6.3.6

Experiência

“Eu sou um roteirista de mão cheia! (André, 11 anos)

A análise dos filmes também revelou que os alunos dos grupos estudados estabeleciam uma clara distinção entre os filmes a partir da (suposta) experiência dos autores. Neste sentido, os filmes feitos pelas crianças menores foram avaliados de modo diferente daqueles produzidos pelos alunos mais velhos. Do mesmo modo, foram consideradas nesse critério, as diferenças, por eles estabelecidas, entre os filmes que eles mesmos produzem e aqueles que assistem na tevê ou no cinema.

Com relação aos filmes feitos por crianças menores, Janaína fez o seguinte comentário ao analisar um dos vídeos exibidos:

Janaína, 15 anos: *Eu acho legal trabalhar com as crianças, mas se fosse um filme meu, eu não colocaria uma criança pra desenhar, porque eu visse que porque não ia a animação não ia ficar muito legal. Agora, já que é, colocaria massinha ou outra pessoa mais experiente no desenho pra ficar mais legal, assim. (Filme “O mendigo sortudo”)*

Observava-se, em geral, uma atitude mais benevolente dos avaliadores com relação às produções consideradas infantis, conforme demonstram as seqüências abaixo:

**Conversando sobre o filme “Os amigos”:*

Maurício, 11 anos: *É voz de criança pequena!*

André, 11 anos: *Eu gostei da criatividade que aquelas crianças tinham e a imaginação, que ajudou muito a orientar aquele filme.*

Marcos: *Eu acho que eles são muito pequenininho e conseguiram fazer esse filme não sei como.*

Natália, 10 anos: *A minha nota foi 10 porque foi feito por crianças de 1ª série e nós também podemos fazer.*

Janaina, 15anos: *Eu dei oito, porque foi coisa de criança, eu achei interessante.*

Simone: *No segundo? Qual foi? Os amigos, não é?*

Paulo,11 anos: *No segundo, eu queria saber qual foi a pessoa que narrou.*

Ana, 13 anos: *São vários alunos!*

Paulo: *Eles falavam o “dlagão”!*

Janaina: *Porque, assim, se fosse um adolescente, um de maior fazendo já não ia ter tanta graça, mas como foi feito por criança...*

**Sobre “O pequeno cordel do sapato voador”:*

Mathias, 10 anos: *Minha nota foi dez porque foram crianças pequenas que fizeram esse filme e tiveram muita criatividade e imaginação. Então eu acho que se eu fosse professor deles daria uma boa nota pra esse filme que eles fizeram.*

Enquanto as crianças pequenas eram, em geral, por eles reconhecidas pelo seu esforço, os mais velhos eram cobrados pela falta de criatividade ou imperícia na elaboração de seus filmes, conforme as opiniões destacadas a seguir:

** Sobre o filme “Memórias de um passado presente”*

Jaqueline, 14 anos: *Acho que nem quem fez gostou.*

Joana, 14 anos: *Na oitava série eles podiam fazer uma coisa melhor.*

** Sobre o filme “Ora, bolas!”*

Simone: *O que vocês acharam?*

Carlos, 11 anos: *Eu sou o primeiro! Minha nota é 0,2 porque esse filme é sem graça.*

Sara, 11 anos: *Eu achei enjoado. Poderia ser melhor.*

Carlos: *Podia ser melhor porque são alunos da 8ª, da 5ª...*

Maurício, 11 anos: *Da 6ª e 7ª...*

Carlos: *É, da 6ª e 7ª e não fizeram melhor porque não quiseram.*

O modo como percebiam suas próprias produções em relação ao que costumavam assistir na tevê /DVD ou no cinema foi especificamente abordado durante as entrevistas individuais, realizadas após a exibição dos vídeos.

Os alunos revelaram, em maioria, que, em sua opinião, a experiência de quem produz o filme era o principal aspecto considerado. Também foram mencionadas questões relativas à formação profissional, recursos e tecnologia disponíveis e a temática abordada nos filmes como fatores de diferenciação das produções. Todos concordaram que os filmes que realizavam não eram iguais aos que assistiam na tevê ou no cinema. No entanto, alguns alunos destacaram o fato de que as produções apresentavam algumas semelhanças entre si.

Alguns exemplos dos depoimentos dos alunos podem ser vistos a seguir:

**Considerando a experiência das pessoas que fazem os filmes e as condições de trabalho:*

Tatiana, 11 anos: *É diferente.*

Simone: *Por quê?*

Tatiana: *São...os que eu vejo em casa é melhor, mas eles (os alunos) têm um futuro enorme pela frente.*

Simone: *Mas os da televisão são melhores por quê?*

Tatiana: *Porque eles já são experientes, já são adultos. Também tem um... um apoio maior.*

Janaína, 15 anos: *Porque, tipo, as pessoas que já trabalham com cinema, elas já têm mais... não sei a palavra, mais...elas já têm - ih, perdi a palavra!*

Simone: *Experiência?*

Janaína: *Isso, mais experiência, já tá mais preparada. Agora, a gente tá começando agora, entendeu? Então é claro que o filme do cinema é muito melhor que o que a gente faz aqui.*

** Sobre o domínio da técnica e a formação profissional:*

William, 15 anos: *Eles (os alunos) ainda estão iniciando. As pessoas ali (no cinema) sabem fazer os efeitos certos no computador, sabem fazer as coisas direito tipo... movimento, sem tremer muito a câmera, saber movimentar as coisas certas, botar um lugar ou naquele e depois não aparecer no outro, isso.*

Cláudio, 11 anos: *Porque são feitos por alunos de tudo quanto é série.*

Simone: *Entendi, você acha que essa é a diferença?*

Cláudio: *A hã. E no cinema é feito por atores.*

Joana, 14 anos: *Assim, é a qualidade, né.*

Gustavo, 15 anos: *Pela qualidade.*

Joana: *Não é chegar assim, filmar e tá bom, tá pronto. Não tem que passar por todo um processo. Eu acho que, assim, a gente ainda está aprendendo, mas a gente já tá num nível assim, a ponto de fazer um filme assim, legal, mais elaborado, só tem que ter um pouco mais de atenção, daquela atenção especial, na hora de filmar, de editar de não balançar a câmera. Esse é o nosso caso.*

* *Em relação às temáticas e a forma como são abordadas e os contextos de produção:*

Gustavo, 15 anos: *Assim, na maioria dos filmes da televisão é uma coisa inventada. Se é uma coisa que aconteceu eles mostram, falam que isso aconteceu não sei o quê e tal ou então é um documentário. O que a gente tá fazendo, a gente tá inventando, a gente tá retratando uma coisa ou de maneira mais alegre ou até de uma maneira séria como esse que a gente viu. A gente faz uma coisa pra alegrar.*

Marcos, 11 anos: *Porque... tem filmes do cinema que é... ai... que é um pouco diferente deles.*

Simone: *Mas diferentes no quê?*

Marcos: *É porque pode ser nas estruturas, nas escritas, nas falas.(...) Porque ...não foram... tem quase um que não foram feitos em...em núcleos e tem uns que foram feitos em salas e foram é... pelas escolas todas amostrando como que sua escola é.E no cinema não tem muito amostrando escola, mas mostra os roteiros como é que foi, mostra as falhas e tem uns também, que é assim.*

* *Sobre os aspectos comuns:*

Ana, 13 anos: *Sem comparação!*

Simone: *Por quê?*

Ana: *Porque eles são mais experientes... Ah, tem algumas coisas que a gente pode até comparar, porque, de vez em quando, eles erram enquadramento, a gente também. Tem pessoas que lá filmam bem, a gente também. A gente, eles têm a edição, a gente também. Tem algumas coisas que pode até comparar, mas outras coisas...*

Simone: *Dos filmes que você viu, feitos por alunos, você acha que eles podem ser vistos, assim, igual ao filme que a gente vê no cinema ou no DVD?*

Daniel, 15 anos: *Na... ué, se as pessoas apreciarem mais os filmes das escolas municipais, eu acho que sim, poderiam sim. Que nem os filmes de meia metragem, curta metragem, assim, podem ser vistos, na minha opinião.*

Simone: *Mas eu estou perguntando se eles são iguais. Foram feitos do mesmo modo... Como é que você acha?*

Daniel: *Acho que não, mas na intenção. Mostrar que também podem fazer. Igual tem gente tentando fazer filme de efeito. Eu consegui fazer um de efeito. Aí eu vou melhorando, se melhorar pode.*